



SAÚDE DOCENTE EM CONTEXTO PANDÊMICO E PÓS-PANDÊMICO

TEACHER HEALTH IN A PANDEMIC AND POST-PANDEMIC CONTEXT

**LA SALUD DE LOS DOCENTES EN UN CONTEXTO PANDÉMICO Y
POSPANDÉMICO**

FARIAS, Beatriz Heitich da Silva
biahsfarias1@gmail.com

Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)
<https://orcid.org/0009-0008-3390-9882>

WAGNER, Flavia
flv.wagner@gmail.com

Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)
<https://orcid.org/0000-0002-5805-3565>

RESUMO O objetivo foi investigar os efeitos da pandemia e pós-pandemia na saúde dos professores. Levantamos pesquisas sobre o mal-estar docente em diferentes países para problematizar o tema. O estudo de caso realizado envolveu 37 professores e chegamos a duas categorias de análise: (1) Saúde Docente e doenças prevalentes no ambiente de trabalho; e (2) Os impactos da pandemia da COVID-19 na saúde Docente. Os resultados mostraram que doenças como estresse, ansiedade, depressão e outras condições de saúde mental são prevalentes na profissão de professores. Concluímos que o período pandêmico e pós-pandêmico intensificou as doenças e mostra urgência de intervenções para um ambiente de trabalho mais saudável e sustentável, essencial para o bem-estar dos docentes.

Palavras-chave: Educação. Condições de trabalho. Saúde docente.

ABSTRACT The objective was to investigate the effects of the pandemic and post-pandemic on teachers' health. We carried out research on teacher malaise in different countries to problematize the topic. The case study carried out involved 37 teachers and we arrived at two categories of analysis: (1) Teacher Health and diseases prevalent in the work environment; and (2) The impacts of the COVID-19 pandemic on teacher health. The results showed that illnesses such as stress, anxiety, depression and other mental health conditions prevalent in the teaching profession. We conclude the pandemic and post-pandemic period intensified diseases and shows urgency of interventions for a healthier and more sustainable work environment, essential for the well-being of teachers.

Keywords: Education. Work conditions. Teacher health.



RESUMEN El objetivo fue investigar los efectos de la pandemia y la pos pandemia en la salud de los docentes. Realizamos investigaciones sobre el mal estar docente en diferentes países para problematizar el tema. El estudio de caso realizado involucró a 37 docentes y llegamos a dos categorías de análisis: (1) Salud docente y enfermedades prevalentes en el ambiente de trabajo; y (2) Los impactos de la pandemia de COVID-19 en la salud de los docentes. Los resultados mostraron que enfermedades como estrés, ansiedad, depresión y otras condiciones de salud mental prevalecen en la profesión docente. Concluimos que el período pandémico y pospandémico intensificó las enfermedades y muestra la urgencia de intervenciones para un ambiente de trabajo más saludable y sostenible, esencial para el bien estar de los docentes.

Palabras clave: Educación. Condiciones de Trabajo. Salud docente.

1 INTRODUÇÃO

A saúde dos professores na Educação Básica é fundamental e impacta diretamente na qualidade do sistema educacional e na formação das futuras gerações. O estudo sobre os efeitos imediatos da pandemia na saúde dos professores não é um problema local e sim global. Diante do cenário pandêmico e pós-pandêmico, nas condições laborais do campo educacional, este estudo se propõe a responder à seguinte pergunta: quais os efeitos imediatos da pandemia e pós-pandemia na saúde dos professores?

Este artigo está estruturado em quatro seções principais. Primeiramente, vamos trazer estudos sobre as *Doenças do Trabalho Docente*; em que problematizaremos a saúde dos professores e os desafios enfrentados por eles em diferentes contextos educacionais ao redor do mundo; abordaremos as principais doenças prevalentes no ambiente de trabalho, como estresse, ansiedade e depressão, além de como influenciam a vida profissional e pessoal dos docentes. Seguiremos com reflexões sobre a *Pandemia de COVID-19 e a Saúde Docente*, trazendo dados do agravamento das condições de saúde preexistentes entre os professores, exacerbando problemas de saúde mental e física.

A terceira seção apresenta a *Metodologia*, que detalha a representatividade da amostra, a abordagem adotada na pesquisa e os instrumentos utilizados para a coleta de dados, oferecendo uma compreensão clara do processo metodológico empregado. Na terceira seção, *Resultados e Discussão*, analisaremos os dados obtidos na



investigação aplicada aos professores de uma escola da rede estadual, localizada na cidade de Tubarão, Santa Catarina, revelando suas percepções, opiniões e experiências em relação às condições de trabalho e seus impactos na saúde.

Finalmente, na *Conclusão*, destacaremos as descobertas mais relevantes, relacionando-as com o objetivo do estudo e oferecendo recomendações para políticas e práticas que possam fortalecer a saúde e o bem-estar dos professores.

2 DOENÇAS DO TRABALHO DOCENTE

Para Olivar (2010), a saúde do trabalhador é permeada por uma história e uma perspectiva crítica. Abordá-la envolve analisar o processo laboral sob o viés marxista e considerar o trabalhador como agente social, que busca condições de trabalho saudáveis sem comprometer seu bem-estar. A definição da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001), sobre saúde mental, abrange bem-estar físico, emocional e social, não se limitando à ausência de transtornos mentais. Inclui, também, habilidades para lidar com o estresse, produtividade e contribuição para a comunidade. Todavia, a contribuição para as comunidades pode ser limitada pela exaustão causada pela intensificação do trabalho e pela falta de suporte institucional (Assunção; Oliveira, 2009).

No contexto educacional, surge o reconhecido "mal-estar docente", que Araújo, Pinho e Masson (2019) e Pachiega e Miliani (2020) descrevem como prejudicial ao desempenho educacional, impactando o equilíbrio psicológico e gerando angústia mental aos profissionais foco do estudo. Os autores (2019; 2020) apontam elementos como exaustão, desmotivação, falta de recursos e capacitação insuficiente, frequentemente associados às condições precárias de trabalho. Destaca-se o conceito de doença na perspectiva de Martins (2018), a qual aborda a doença como um desdobramento do manejo inadequado do sofrimento. Para a autora (2018), se as estratégias adotadas para lidar com o desconforto não forem eficazes, isso pode levar à persistência do sofrimento e, eventualmente, ao surgimento de doenças. Essa condição, que impacta tanto a saúde mental quanto a física indica um comprometimento mais profundo e duradouro da saúde (Martins, 2018).



O estudo de Assunção e Oliveira (2009) evidencia a correlação entre a exaustão provocada pela intensificação do trabalho e a fragilização da saúde dos professores, tornando-os mais vulneráveis a doenças. Os professores enfrentam um ciclo contínuo de adoecimento, em um cenário marcado pela precarização de suas atividades laborais. As exigências inerentes à carreira docente podem desencadear uma série de problemas de saúde, impactando diretamente sua qualidade de vida e propiciando o desenvolvimento de enfermidades.

Entre as principais condições que afetam esses profissionais estão as Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT). As tarefas repetitivas, como escrever no quadro, transportar livros e permanecer longos períodos em frente a computadores, corrigindo provas, por exemplo, podem resultar nessas condições dolorosas e limitantes, agravadas pela falta de ergonomia no ambiente de trabalho. Problemas musculoesqueléticos e dores nas costas são manifestações frequentes da intensificação do trabalho docente, muitas vezes relacionados a cargas horárias extensas e demandas excessivas, que contribuem para má postura e problemas físicos (Assunção; Oliveira, 2009).

Como mencionado pelos autores, “Ora, trabalhar sob pressão temporal pode desfavorecer o desenvolvimento de estratégias de autoproteção à saúde, como buscar a postura mais confortável, permanecer sentado com o dorso apoiado, evitar abuso vocal” (Assunção; Oliveira, 2009, p. 355). Outra condição bastante comum está relacionada à saúde vocal. A voz desempenha um papel fundamental para os professores, mas, em alguns momentos, é necessário elevar o tom para serem ouvidos em salas de aula lotadas. Isso pode levar a problemas de rouquidão e a questões vocais, como o desenvolvimento de nódulos nas cordas vocais, impactando diretamente a saúde vocal dos educadores. Professores frequentemente buscam ter uma voz *forte* e *firme* para transmitir autoridade e controle sobre a classe. No entanto, ao tentar ajustar suas vozes para atender a esses padrões desejados, podem desenvolver ajustes musculares inadequados, resultando em fadiga e alterações na qualidade vocal ao longo do dia de trabalho (Luchesi *et al.*, 2009).

Em situações em que o ambiente está permeado por uma cacofonia de ruídos, é comum observar os professores esforçando-se para elevar o tom de suas vozes



acima desse clamor circundante (Assunção; Oliveira, 2009). Essa circunstância, que não apenas afeta a saúde vocal dos educadores, tem ramificações para a saúde estomacal, como ilustrado pelo refluxo gastroesofágico. Este último, além de provocar desconforto no estômago, pode manifestar-se através de problemas na voz, criando um ciclo complexo de desafios para os profissionais (Assunção; Oliveira, 2009). Importante notar que o estresse, proveniente das exigências constantes e do ambiente ruidoso é um componente adicional que conecta esses elementos (Assunção; Oliveira, 2009). O aumento da pressão para comunicar-se em meio ao barulho pode criar tensões não apenas nas cordas vocais, mas também no sistema digestivo, agravando o refluxo. Ao mesmo tempo, o estresse é um fator conhecido por influenciar ambos os problemas, criando uma interdependência intrigante (Assunção; Oliveira, 2009).

O estresse é uma realidade comum para os professores, que enfrentam altas demandas emocionais e administrativas diariamente, desencadeando a Síndrome de *Burnout*. A relação entre a Síndrome de *Burnout* e as doenças do aparelho circulatório é uma preocupação relevante nesse cenário. O estresse crônico associado ao *Burnout* pode ter impactos significativos na saúde cardiovascular dos professores. O estresse prolongado desencadeia reações fisiológicas no corpo, que afetam a pressão arterial, a frequência cardíaca e a função dos vasos sanguíneos (Oliveira; Pereira; Lima, 2017). A exposição constante a situações estressantes e a sensação de sobrecarga emocional podem contribuir para o aumento do risco de hipertensão arterial, insuficiência cardíaca e arritmias, que são doenças do aparelho circulatório. Além disso, a combinação de estresse crônico e *Burnout* podem agravar ainda mais esses riscos, criando um ciclo prejudicial para a saúde do coração e dos vasos sanguíneos (Gomes *et al.*, 2016).

A saúde mental dos professores é uma área crítica. Um estudo realizado na Cidade do Cabo, África do Sul, com 81 professores do ensino básico, afastados devido a transtornos mentais, identificou o transtorno depressivo, o transtorno de pânico e a agorafobia como os diagnósticos predominantes. Quase metade dos professores (46%) relatou vivenciar sintomas fóbicos em sala de aula. O transtorno depressivo



maior foi o diagnóstico mais comum, presente em 21% dos casos associados ao transtorno de pânico e agorafobia (Emsley; Emsley; Seedat, 2009).

Na Finlândia, uma pesquisa com 2.364 professores do ensino básico revelou que 102 deles, representando 4,3% da amostra, foram diagnosticados com transtornos mentais. Entre esses, 57 professores sofriam de transtornos afetivos, com a depressão sendo o diagnóstico mais prevalente, encontrado em 51 casos. Além disso, 45 professores apresentaram transtornos relacionados ao estresse, com uma parte significativa exibindo sintomas de estresse severo (Ervastiet *et al.*, 2012).

Este cenário global evidencia a necessidade urgente de abordar essas questões de saúde dos professores de maneira holística e eficaz, também em cenário local. Na próxima seção, exploraremos como a pandemia da COVID-19 intensificou essas condições preexistentes, exacerbando os desafios já enfrentados pelos educadores.

2.1 Pandemia da Covid-19 e a Saúde Docente

Após delinear o cenário dos fatores que afetam a saúde docente e os desafios enfrentados em diferentes contextos globais, abordando as principais doenças prevalentes no ambiente de trabalho, passamos a discutir as condições de trabalho durante a pandemia da COVID-19. Em meados de março de 2020, as escolas foram fechadas temporariamente e a modalidade de ensino remoto foi adotada. A rápida transição para o ensino remoto, a falta de preparação para lidar com novas tecnologias e demandas adicionais impactaram negativamente o panorama educacional e a saúde dos professores (Sheikh *et al.*, 2020).

De acordo com Saviani e Galvão (2021), o ensino remoto foi adotado pelas instituições educacionais como uma alternativa para cumprir o calendário escolar, mas constatou-se que essa abordagem apresentou desafios significativos tanto para os professores quanto para os estudantes. Muitos professores enfrentaram dificuldades relacionadas à falta de acesso, qualificação e habilidades necessárias para utilizar as novas metodologias e ferramentas de ensino utilizadas no ensino remoto. Isso resultou em prejuízos nas práticas de ensino, no processo de aprendizagem dos



estudantes e impactou negativamente a saúde física e emocional de ambos os envolvidos. Além disso, a falta de conectividade enfrentada por muitos estudantes levou à adoção de materiais impressos como alternativa, o que acentuou ainda mais a defasagem na aprendizagem e demandou esforços adicionais dos professores.

Para Silva e Santos (2022), a crise da COVID-19 impulsionou o ensino remoto, negligenciando desigualdades sociais. Isso acelerou a privatização educacional via plataformas digitais, precarizando o trabalho docente e moldando o *professor de plataforma*. Por trás disso, há o enfraquecimento das condições de trabalho, agravado pela tecnologia digital como única saída na crise. Essas plataformas, multifuncionais, expõem excessivamente os professores ao monitoramento sem base pedagógica, minando sua autoridade. Tal dinâmica também se reflete na formação docente, terceirizada para entidades privadas, focando na tecnologia e resultando em práticas docentes dependentes de atualizações constantes e suscetíveis à obsolescência programada (Silva; Santos, 2022).

Os dados mencionados até o momento dão indícios da precarização das condições de trabalho dos professores, uma situação aparentemente persistente, que se agravou com a pandemia da COVID-19. Sabe-se que a pandemia assolou o mundo, deixando marcas profundas também na área da educação. Outros países também enfrentaram impactos significativos em seu corpo docente, como indica um estudo realizado na China, logo após o surgimento da pandemia, o qual mostrou que 40% dos participantes foram considerados propensos a problemas psicológicos, e 14% da amostra apresentou sintomas de estresse pós-traumático (Liang *et al.*, 2020). Já no Brasil, por meio de um estudo transversal, foram analisadas a frequência de sentimentos de tristeza, nervosismo e alteração de sono entre 45.161 adultos e idosos durante o período de abril e maio de 2020. Constatou-se que 40,4% dos participantes relataram ter sentimento de tristeza; 52,6% apresentaram sintomas de ansiedade; e 48% relataram problemas de sono (Barros *et al.*, 2020).

Uma outra pesquisa conduzida pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação (SINTE), na Rede Pública de Ensino de Santa Catarina, Brasil, em 2020 e 2021, focada na saúde dos profissionais da educação, revelou a necessidade premente de investimentos na infraestrutura e valorização dos professores para garantir um



ambiente de trabalho saudável. O estudo, on-line, contou com 47 questões, abordando o perfil dos participantes, as condições de trabalho durante a pandemia, a visão dos profissionais sobre o sistema educacional e aspectos ligados à saúde dos trabalhadores. Entre os participantes (1.357 respondentes), cerca de 65% relataram sentir pressão psicológica por produtividade, ansiedade e insegurança, enquanto 54,50% mencionaram esgotamento mental (Síndrome de *Burnout*), e 44% manifestaram medo de cometer erros (SINTE, 2020).

Diante do cenário pandêmico, a China realizou uma pesquisa com um total de 93.518 professores, abrangendo docentes do Ensino Fundamental, Médio e docentes universitários, no período de 04 de a 12 de fevereiro de 2020 (Lia *et al.*, 2020). O objetivo da pesquisa era avaliar a prevalência de ansiedade e explorar seus fatores durante a pandemia da COVID-19 nos professores entre várias faixas etárias (18-30; 30-40; 40-50; 50-60; e 60-100). Os resultados foram obtidos através da aplicação de um questionário padrão, contendo perguntas referentes a hábitos da higiene pessoal e fatores emocionais: medo, insegurança e ansiedade. A ansiedade foi avaliada através da ferramenta *Generalized Anxiety Disorder* (Escala de Transtorno de Ansiedade Generalizada, GAD-7), composta por 7 questões, criada por Robert L. Spitzer, Janet B.W. Williams, e Kurt Kroenke. O resultado indicou que a prevalência geral de ansiedade em professores (homens e mulheres) foi de 13,67%, sendo maior em mulheres, com 13,89%, do que em homens com 12,93%, e em relação às faixas etárias, indicou 14,06% entre 60 e 100 anos, nos homens, e 14,70% entre 50 e 60 anos em mulheres (Lia *et al.*, 2020).

Outra pesquisa realizada no Marrocos, na cidade de Kenitra, evidenciou as nocivas consequências na saúde emocional/mental dos professores do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais, ocasionadas pela pandemia do COVID-19. A pesquisa foi realizada com 125 professores, durante os meses de abril e maio de 2020, tendo como objetivo avaliar a Síndrome do *Burnout* entre professores primários em confinamento (Amriet *al.*, 2020). Para o desenvolvimento do estudo no Marrocos, foram utilizados dois questionários, um com questões referentes a dados sociodemográficos, e outro construído com questionamentos relacionados às



exigências do ensino a distância durante esse período de confinamento, e os recursos que esses professores possuíam para utilizar (Amriet *al.*, 2020).

O questionário era constituído por 15 perguntas relacionadas a quatro categorias distintas: (1) uso e desenvolvimento de competências em novas tecnologias de informação e comunicação, com quatro perguntas; (2) sobrecarga de trabalho, com quatro perguntas; (3) o conflito de papéis entre o ensino a distância e as responsabilidades da família, com quatro perguntas; (4) e apoio social da hierarquia, colegas e família, com três perguntas. O Burnout foi avaliado pelo Maslach Burnout Inventory (MBI)¹, com 16 perguntas (Amriet *al.*, 2020). A Síndrome de *Burnout*, segundo Codo e Menezes (2000), é caracterizada como um tipo de estresse persistente relacionado a situações de trabalho, originado da contínua e repetitiva pressão emocional derivada do intenso envolvimento com pessoas ao longo de extensos períodos temporais. O estudo revelou alta prevalência de *Burnout*: 54,40% de todos os participantes mencionaram sintomas de *Burnout*, sendo o esgotamento mental o principal deles. Logo, os professores primários de Kenitra encontravam-se sem energia e sem ânimo para realizar suas atividades pedagógicas durante o período de confinamento. Toda dificuldade enfrentada provocou sérios prejuízos na saúde mental/emocional desses profissionais. Dessa forma, os autores da investigação concluíram que essa situação requer a implementação imediata de ações voltadas à promoção do bem-estar psicológico dos professores, durante e após o confinamento (Amriet *al.*, 2020).

Ainda referente ao contexto pandêmico, caminhando, agora, para o retorno das aulas presenciais, uma pesquisa realizada na Espanha, com uma amostra de 1.633 professores, 92,50% pertencentes à Educação Básica e 7,50% pertencentes ao setor universitário, verificou o estado psicológico de professores diante do desafio de retornar ao ensino presencial durante a crise da COVID-19. Para a coleta de dados

¹Maslach *Burnout Inventory* é o instrumento mais utilizado para avaliar Burnout, independentemente das características ocupacionais da amostra e de sua origem. Foi elaborado por Christina Maslach e Susan Jackson em 1978. É constituído de três dimensões: exaustão emocional, despersonalização, e realização profissional. O inventário possuía 47 itens que foram aplicados em 605 pessoas de várias áreas profissionais. A regularidade interna das três dimensões do inventário é satisfatória, pois apresenta um alfa de Cronbach que vai desde 0,71 até 0,90, e os coeficientes de teste e reteste vão de 0,60 a 0,80 em períodos de até um mês (Maslach; Jackson, 1981).



sociodemográficos, foi utilizado um questionário on-line; e para mensurar o estresse, depressão e ansiedade, utilizou-se a escala DASS-21². Após a análise dos dados coletados, foi identificado que 50,60% dos docentes estavam sofrendo de estresse, dentre eles, 4,50% indicaram um estresse extremamente severo, e 14,10% estresse severo. Aproximadamente 49,50% dos professores manifestaram sofrer de ansiedade, 8,1% relataram sentir transtorno de ansiedade extremamente grave, e 7,60% tinham sintomas graves. Por fim, 32,20% dos professores indicaram sofrer de depressão, sendo 3,20% extremamente grave e 4,30% sintomas graves (Ozamiz-Etxebarria *et al.*, 2021). Sendo assim, um alto percentual de professores apresentou quadro grave em relação à sintomatologia de ansiedade, depressão e estresse no momento do retorno das aulas presenciais.

Outro estudo (Rodrigues *et al.*, 2021) envolveu entrevistas com dez professores de diversas regiões, incluindo sete do sudeste do Brasil, uma da Escócia, um da França e uma do Marrocos. Os dados indicam que docentes enfrentaram dificuldades significativas devido à falta de equipamentos tecnológicos adequados, como computadores e celulares, e à conectividade limitada à internet, especialmente entre os alunos de baixa renda. Além disso, a alta demanda por dispositivos tecnológicos dentro das famílias, necessária tanto para o trabalho remoto dos pais quanto para as aulas dos alunos, forçou muitos professores a adquirir novos equipamentos com seus próprios recursos, o que foi dificultado pelo aumento dos preços e pelas restrições orçamentárias (Rodrigues *et al.*, 2021).

As dificuldades não se restringiram aos países em desenvolvimento, visto que mesmo em nações como a Escócia e a França os professores relataram problemas significativos relacionados à tecnologia. Esses problemas incluíram a falta de treinamento e preparos adequados, a carência de equipamentos suficientes para atender às necessidades de professores e alunos, e o aumento da carga de trabalho.

²A *Depression, Anxiety and Stress Scale - Short Form* (DASS-21) foi criada por Lovibond e Lovibond (1995) com o intuito de mensurar e diferenciar, da melhor maneira possível, os sintomas de ansiedade e depressão. A escala é embasada no modelo tripartido, em que os sintomas de ansiedade e depressão se associam em três estruturas básicas. A primeira (a) engloba o afeto negativo, como humor deprimido, insônia, desconforto e irritabilidade, que não são específicos e estão incluídos tanto na depressão como na ansiedade; a segunda (b) indica fatores que constituem estruturas que representam sintomas específicos para depressão (anedonia, ausência de afeto positivo); e a terceira estrutura (c) vsintomas específicos de ansiedade (tensão somática e hiperatividade) (Watson *et al.*, 1995).



Além disso, a fusão entre a vida profissional e pessoal tornou-se um desafio, assim como a perda de contato com alunos de áreas rurais e a baixa participação nas atividades assíncronas disponibilizadas nas plataformas de ensino (Rodrigues *et al.*, 2021). A falta de motivação dos alunos para se envolverem nas aulas remotas também foi um problema recorrente (Cruz *et al.*, 2020).

Em suma, os estudos citados revelam os impactos devastadores que a pandemia teve na saúde mental das populações em diferentes partes do mundo, altas proporções de pessoas relataram sintomas de sofrimento psicológico, incluindo estresse pós-traumático, ansiedade e distúrbios do sono. Essas descobertas destacam a necessidade urgente de apoio e intervenções voltadas para a saúde mental, especialmente dentro do contexto educacional, onde os profissionais enfrentam desafios únicos durante essa crise global.

Compreender esse contexto é crucial, pois permite refletir sobre os interesses e perspectivas subjacentes às políticas educacionais, e como estas impactam não apenas a qualidade do ensino, mas também as condições laborais dos professores e sua saúde. Sendo assim, o cenário apresentado é um alerta urgente para a necessidade de atenção e cuidado com a saúde dos professores, especialmente durante momentos de crise como o período pandêmico e pós-pandêmico do COVID-19.

3 METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem metodológica qualitativa, baseada em estudo de caso. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário contendo questões abertas e fechadas, elaborado a partir da revisão da literatura e dos objetivos do estudo. O instrumento foi validado por meio de um pré-teste, com um pequeno grupo de professores ($n = 3$), similar aos participantes da pesquisa, para verificar a compreensão das questões e identificar possíveis problemas.

Para este estudo, foi realizado um recorte temporal, considerando professores que atuaram como docentes na instituição campo da pesquisa entre 2020 e 2023, abrangendo a fase crítica da pandemia da COVID-19 e o período pós-pandêmico,



elementos considerados cruciais para o contexto da pesquisa. A amostra foi composta por 37 professores da Educação Básica de uma Escola Estadual do Sul do Brasil. Após a validação, mencionada no início da seção, o questionário foi distribuído eletronicamente aos professores por meio do *WhatsApp*.

A análise de conteúdo seguiu a abordagem de Bardin (2020), resultando nas seguintes categorias: (1) Saúde Docente e doenças prevalentes no ambiente de trabalho; e (2) Os Impactos da Pandemia de COVID-19 na Saúde Docente, com o intuito de fornecer uma visão ampla das implicações do contexto educacional na saúde e bem-estar dos professores, especialmente em relação ao cenário de crise gerado pela pandemia. A seguir a análise das categorias identificadas.

4 RESULTADOS E ANÁLISES

Na categoria (1) Saúde Docente e doenças prevalentes no ambiente de trabalho, os professores foram questionados sobre experiências de problemas de saúde relacionados ao trabalho docente no ano de 2023, que resultaram em afastamentos para tratamento médico. Aproximadamente 32% relataram enfrentar tais problemas, embora não tenham requerido afastamento médico. Preocupantemente, os sintomas relatados por esse grupo abrangem tanto aspectos emocionais quanto físicos, evidenciando um sofrimento muitas vezes silencioso e negligenciado.

No âmbito emocional, destacaram-se episódios de ansiedade, insônia, crises de choro, irritabilidade, angústia, estresse intenso, sensação de impotência, desmotivação e indícios de quadros depressivos. Já entre os sintomas físicos, foram mencionadas dores de cabeça frequentes, fadiga persistente, dores musculares (especialmente nas regiões das costas, ombros e pescoço), alterações vocais, como rouquidão e cansaço vocal, além de distúrbios gastrointestinais e elevação da pressão arterial. Tais manifestações, ainda que não tenham gerado afastamentos formais, revelam um comprometimento significativo do bem-estar docente e apontam para a urgência de políticas institucionais que reconheçam e enfrentem o adoecimento que se instala de forma silenciosa no cotidiano escolar.



Ao analisar as respostas sobre a frequência de afastamento do trabalho por motivos de saúde, percebe-se que muitos professores não conseguiram evitar as implicações físicas e emocionais de sua profissão. Enquanto 43% afirmaram não ter precisado se afastar por questões de saúde, 30% mencionaram um afastamento, 11% duas vezes e 11% mais de quatro vezes. Essa alta frequência de afastamentos por motivos de saúde sugere que a pressão, a sobrecarga e as condições de trabalho podem contribuir para problemas físicos e emocionais entre os profissionais da educação.

Importante ressaltar que essas questões não devem ser consideradas como problemas individuais, mas como reflexos de um sistema educacional que exige cada vez mais dos professores, muitas vezes à custa de sua saúde e bem-estar.

Ao abordar a presença de dores osteomusculares, como problemas na coluna, joelho, LER ou DORT, relacionadas ao trabalho docente, emerge uma imagem complexa que reflete as consequências das condições laborais sobre a saúde física dos educadores. Enquanto 35% afirmaram sofrer dessas dores, outros 35% não associaram tais dores às atividades profissionais. Adicionalmente, 30% expressaram incerteza ou desconhecimento sobre a relação das dores com as tarefas laborais.

A execução de tarefas repetitivas, como escrever no quadro ou corrigir provas, somadas à sobrecarga de trabalho devido a cargas horárias extensas e demandas excessivas pode estar contribuindo para o desenvolvimento dessas condições dolorosas. A falta de tempo para cuidados de autoproteção à saúde, como mencionado por Assunção e Oliveira (2009), agrava a situação, resultando em posturas inadequadas e falta de atenção à saúde musculoesquelética.

Outros elementos importantes foram verificados ao explorar se os professores enfrentam problemas na fala e na audição. A maioria (65%) relatou não ter dificuldades nessas áreas em seus locais de trabalho. Entretanto, 22% mencionaram enfrentar problemas vocais e/ou de audição relacionados à profissão. Isso é relevante, considerando a natureza frequentemente ruidosa das salas de aula, levando à observação de Luchesi *et al.* (2009) sobre os efeitos do aumento do tom de voz em ambientes barulhentos.



Além disso, questões sobre dores no sistema digestivo, como refluxo, gastrite ou úlcera estomacal relacionadas ao trabalho dos professores, destacam a interseção entre a saúde vocal e o sistema digestivo dos docentes (Assunção; Oliveira, 2009). A maioria (57%) não reportou dores digestivas relacionadas ao trabalho, enquanto 22% afirmaram enfrentar esses problemas.

A interconexão entre as condições do ambiente escolar, questões de fala, audição e saúde digestiva destaca a necessidade de uma abordagem holística na promoção da saúde dos educadores. Reconhecer as demandas do ambiente de trabalho e adotar medidas abrangentes são fundamentais para criar um ambiente saudável e propício ao desenvolvimento profissional (Ricci *et al.*, 2020).

Outro aspecto pertinente nesta seção refere-se à saúde mental/emocional dos professores. Diante de problemas diagnosticados, como depressão, *Burnout*, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) ou síndrome do pânico relacionados ao trabalho, notáveis 32% dos participantes atribuíram tais diagnósticos às demandas laborais. Esse dado corrobora a compreensão de que o mal-estar surge quando as exigências do trabalho excedem os recursos individuais e a capacidade de enfrentamento (Dejours, 1993).

Explorando doenças do aparelho circulatório, como hipertensão arterial, insuficiência cardíaca ou arritmias associadas ao estresse do trabalho, 24% dos professores relataram a presença dessas doenças. Isso evidencia como as pressões constantes e as adversidades do contexto educacional podem contribuir para manifestações físicas do mal-estar, corroborando a visão de Oliveira; Pereira; Lima (2017) sobre os efeitos do estresse crônico na saúde cardiovascular.

Além disso, a influência das interações no ambiente escolar sobre a saúde dos professores também foi abordada na pesquisa. A dinâmica interpessoal emergiu como um fator significativo de mal-estar, com cerca de 68% dos educadores reconhecendo que tensões e conflitos têm um impacto negativo em sua saúde.

Por fim, questionamentos sobre o ambiente de trabalho e as condições precárias revelaram que 68% dos professores atribuem a inadequação do ambiente como uma contribuição significativa para o sofrimento emocional. Isso reflete a compreensão de que um ambiente de trabalho caracterizado por sobrecarga, falta de



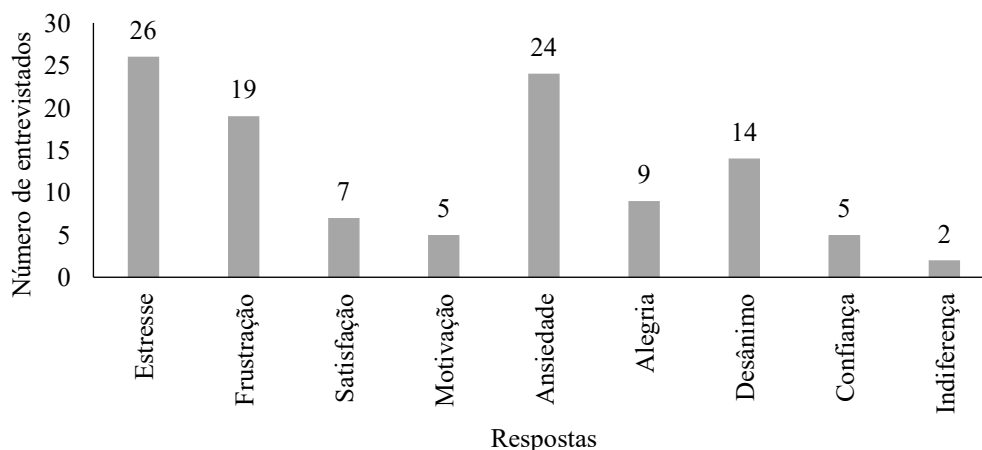
recursos e pressões administrativas pode ser propício à proliferação do mal-estar (Assunção; Oliveira, 2009).

Essas considerações lançam luz sobre os desafios enfrentados durante a pandemia e pós-pandemia, delineando a próxima categoria (2) Os Impactos da Pandemia de COVID-19 na Saúde Docente. Nessa categoria, realizamos questões direcionadas aos professores sobre a saúde docente durante o período de pandemia e pós-pandemia, as quais abordaram as emoções prevalentes dos professores nesses períodos em relação ao trabalho docente, avaliaram o estado atual da saúde mental/emocional e identificaram a percepção em relação a essa fase. Além disso, buscaram compreender se houve intensificação das doenças preexistentes relacionadas ao trabalho devido aos desafios enfrentados nesse contexto.

A análise das respostas às perguntas revela um panorama alarmante sobre a saúde mental e emocional dos professores durante o período pós-pandêmico. É notável a intensificação das doenças preexistentes relacionadas ao trabalho, indicada por 46% dos participantes que afirmaram ter observado tal aumento.

A saúde mental dos professores também é afetada, com a maioria (51%) relatando que, embora se sintam bem em geral, ocasionalmente experimentam um leve desconforto emocional. O estresse, a ansiedade e a frustração são as emoções predominantes, com 70%, 65% e 51% dos professores, respectivamente, escolhendo essas emoções como as mais frequentemente experimentadas em relação ao trabalho (Figura 1).

Figura 1 – Posicionamentos dos professores em relação ao trabalho docente no período pandêmico e pós-pandêmico: principais experiências



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A análise das respostas revela um panorama alarmante sobre a saúde mental e emocional dos professores durante o período pós-pandêmico. É notável a intensificação das doenças pré-existentes relacionadas ao trabalho, com 46% dos participantes afirmando ter observado um aumento significativo dessas condições. A saúde mental dos professores também foi gravemente afetada, com a maioria (51%) relatando que, embora se sintam geralmente bem, ocasionalmente experimentam leve desconforto emocional.

Essas conclusões, de certa forma, dialogam com os achados de autores como, Liang *et al.* (2020), Silva e Santos (2022), Saviani e Galvão (2021) e Sinte (2020), que consideram uma série de fatores contribuindo para o agravamento da saúde mental dos professores durante o período pandêmico e pós-pandêmico.

Diante desse contexto desafiador, torna-se imperativo abordar as condições de trabalho, a pressão tecnológica e as demandas excessivas enfrentadas por esses profissionais, a fim de criar um ambiente mais saudável e sustentável para os professores. Essa abordagem beneficiará não apenas a saúde mental dos docentes, mas também contribuirá positivamente para a satisfação desses profissionais. Isso refletirá diretamente na qualidade do ensino e na construção de um ambiente de aprendizado mais equilibrado e eficaz para os estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS



O estudo sobre a saúde docente, considerando as condições de trabalho dos professores e o contexto da pandemia de COVID-19, revelou uma complexidade multifacetada que impacta diretamente sua saúde física, emocional e mental. Mostrou, ainda, a prevalência de problemas de saúde relacionados ao trabalho, incluindo afastamentos, dores osteomusculares e dificuldades vocais, destaca a necessidade urgente de intervenções e mudanças substanciais no ambiente educacional.

Os resultados permitiram destacar que esses problemas de saúde não devem ser considerados isolados, mas sim reflexos de um sistema educacional que sobrecarrega os professores. A sobrecarga de trabalho, baixos salários, falta de autonomia, precarização das condições laborais e demandas excessivas formam um cenário desafiador para esses profissionais. Além disso, a deficiência na formação e a escassez de apoio emocional são claramente identificadas na busca por soluções que promovam a saúde e o bem-estar dos professores.

O período da pós-pandemia chamou atenção especial às necessidades e aos impactos persistentes das doenças nos professores, destacou as políticas educacionais e os sistemas de apoio que devem se adaptar para oferecer suporte contínuo, investindo em melhores condições de trabalho, remuneração adequada e programas de saúde mental para mitigar os efeitos duradouros do estresse e da exaustão provocados pela pandemia.

A preocupação com a saúde emocional dos professores deve ser uma prioridade no Plano Nacional de Educação (2024-2034) que deve ser o epicentro na criação de estratégias conjunta entre governo, instituições educacionais, sindicatos e sociedade para uma valorização efetiva desses educadores, no que diz respeito ao investimento em melhores condições de trabalho, remuneração justa, planos de carreira robustos e formações mais direcionadas e eficientes.

Em nível global, é essencial que haja cooperação internacional para compartilhar melhores práticas e estratégias para a promoção da saúde dos professores, além de sugerirmos que dados locais também sejam divulgados. Estudos comparativos entre diferentes países podem fornecer uma compreensão valiosa sobre como diferentes sistemas educacionais abordam os desafios da saúde docente. A criação de redes internacionais de apoio e troca de conhecimento pode ajudar a



construir um panorama mais robusto e integrado das melhores práticas para melhorar as condições de trabalho dos professores em todo o mundo.

Para futuros estudos, recomenda-se ampliar o escopo geográfico e a amostra de professores, além de distintos níveis de ensino, para uma visão mais ampla das condições de trabalho. Estudos longitudinais poderiam acompanhar mudanças ao longo do tempo. Explorar as perspectivas de outros atores educacionais, como diretores e administradores, seria valioso. Pesquisas qualitativas, como entrevistas detalhadas, aprofundariam as experiências dos professores.

Essas sugestões têm o potencial de enriquecer o campo de pesquisa sobre as condições de trabalho docente e seu impacto na saúde e na educação. O objetivo final é que este estudo oriente políticas e práticas que melhorem efetivamente as condições de trabalho dos professores, promovendo sua saúde e bem-estar e garantindo a qualidade do âmbito educacional, tanto em nível nacional quanto internacional.

BEATRIZ HEITICH DA SILVA FARIAS

Mestre em Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Licenciada em Química pela mesma instituição, com habilitação em Física e Matemática para o Ensino Fundamental dos Anos Finais. Professora efetiva da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina e atualmente gestora da Escola de Educação Básica de Santa Catarina.

FLAVIA WAGNER

Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa (2018), com diploma revalidado pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004). Graduada em pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). Atualmente é Professora no Curso de Mestrado e Doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

REFERÊNCIAS

AMRI, Abdeslam; ABIDLI, Zakaria; ELHAMZAoui, Mohamed; BOUZABOUL, Mounir; RABEA, Ziri; AHAMI, Ahmed Omar Touhami. Assessment of burnout among primary teachers in confinement during the COVID-19 period in Morocco: case of the Kenitra. *The Pan African Medical Journal*, v. 35, p. 1-5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11604/pamj.suppl.2020.35.2.24345>. Acesso em: 18 jun. 2024.



ARAÚJO, T. M.; PINHO, P. S.; MASSON, M. L. V. Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. *Cadernos de Saúde Pública*, n. 35, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00087318>. Acesso em: 10 jun. 2024.

ASSUNÇÃO, A. Á.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Educacao & Sociedade*, v. 30, n. 107, p. 349-372, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0101-73302009000200003>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2020.

BARROS, M. B. A.; LIMA, M. G.; MALTA, D. C.; SZWARCOWALD, C. L.; AZEVEDO, R. C. S.; ROMERO, D.; SOUZA JÚNIOR, P. R. B.; AZEVEDO, L. O.; MACHADO, Í. E.; DAMACENA, G. N.; GOMES, C. S.; WERNECK, A. O.; SILVA, D. R. P.; PINA, M. F.; GRACIE, R. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, n. 4, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400018>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. Burnout: sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação. *Cadernos de Saúde do Trabalhador*, n. 14, p. 29-48, 2000. Disponível em: [http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2007/T1-6SF\(Educao\)/Burnout_Cartilha_CNTE_e_CUT.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2007/T1-6SF(Educao)/Burnout_Cartilha_CNTE_e_CUT.pdf). Acesso em: 12 jul. 2024.

CRUZ, R. M.; BORGES-ANDRADE, J. E.; MOSCON, D. C. B.; MICHELETTO, M. R. D.; ESTEVES, G. G. L.; DELBEN, P. B.; QUEIROGA, F.; CARLOTTO, P. A. C. COVID-19: emergência e impactos na saúde e no trabalho. *Revista Psicologia e Organização do Trabalho*, v. 20, n. 2, p. 1-2, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v20n2/v20n2a01.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2024.

DEJOURS, C. *Travail, usure mentale: de lapsychopathologie à lapsychodynamiquedutravail*. Paris: Bayard, 1993.

EMSLEY, R.; EMSLEY, L.; SEEDAT, S. Occupational disability on psychiatric grounds in South African School-teachers. *African Journal of Psychiatry*, v. 12, n. 3, p. 223-226, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.4314/ajpsy.v12i3.48498>. Acesso em: 16 jun. 2024.

ERVASTI, J.; KIVIMÄKI, M.; PENTTI, J.; SALMI, V.; SUOMINEN, S.; VAHTERA, J.; VIRTANEN, M. Work-related violence, lifestyle, and health among special education teachers working in Finnish basic education. *Journal of School Health*, v. 82, n. 7, p. 336-343, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2012.00707.x>. Acesso em: 16 jun. 2024.

GOMES, C. M.; CAPELLARI, C.; PEREIRA, D. S. G.; VOLKART, P. R.; MORAES, A. P.; JARDIM, V.; BERTUOL, M. Estresse e risco cardiovascular: intervenção multiprofissional de educação em saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília,



v. 69, n. 2, p. 351-359, mar./abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2016690219i>. Acesso em: 14 jun. 2024.

LI, Q.; MIAO, Y.; ZENG, X.; TARIMO, C. S.; WU, C.; WU, J. Prevalence and factors for anxiety during the coronavirus disease 2019 (COVID-19) epidemic among the teachers in China. *Journal of Affective Disorders*, n. 277, p. 153-158, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.08.017>. Acesso em: 18 jun. 2024.

LIANG, L.; REN, H.; CAO, R.; HU, Y.; QIN, Z.; LI, C.; MEI, S. The effect of COVID-19 on youth mental health. *Psychiatric Quarterly*, v. 91, n. 3, p. 841-852, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11126-020-09744-3>. Acesso em: 18 jun. 2024.

LUCHESI, K. F.; MOURÃO, L. F.; KITAMURA, S.; NAKAMURA, H. Y. Problemas vocais no trabalho: prevenção na prática docente sob a ótica do professor. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 673-681, dez. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902009000400011>. Acesso em: 14 jun. 2024.

MARTINS, L. M. O sofrimento e /ou adoecimento psíquico do(a) professor(a) em um contexto de fragilização da formação humana. *Cadernos Cemarx*, n. 11, p. 127-144, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cemarx.v0i11.11294>. Acesso em: 14 jun. 2024.

OLIVAR, M. S. P. O campo político da saúde do trabalhador e o serviço social. *Serv. Soc. Soc.*, n. 102, p. 314-338, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0101-66282010000200007>. Acesso em: 10 jun. 2024.

OLIVEIRA, A. S. D.; PEREIRA, M. S.; LIMA, L. M. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 21, n. 3, p. 609-619, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-353920170213111132>. Acesso em: 15 jun. 2024.

OMS. *Relatório sobre a saúde no mundo: saúde mental, nova concepção, nova esperança*. 2001. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0205.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2024

OZAMIZ-ETXEBARRIA, N.; BERASATEGI SANTXO, N.; IDOAGA MONDRAGON, N.; DOSIL SANTAMARÍA, M. During the COVID-19 crisis: the challenge of returning to face-to-face teaching. *Frontiers in Psychology*, n. 11, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2020.620718/full>. Acesso em: 20 jun. 2024.

PACHIEGA, M. D.; MILANI, D. R. C. Pandemia, as reinvenções educacionais e o mal-estar docente: uma contribuição sob a ótica psicanalítica. *Dialogia*, n. 36, p. 220-234, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/dialogia.n36.18323>. Acesso em: 10 jun. 2024.



RICCI, G.; WOLF, A. E.; BARBOSA, A. P.; MORETI, F.; GIELOW, I.; BEHLAU, M. Sinais e sintomas de refluxo laringofaríngeo e sua relação com queixas e qualidade vocal. *CODAS*, São Paulo, v. 32, n. 5, p. 1-5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20202018052>. Acesso em: 18 jun. 2024.

RODRIGUES, A.; SILVA, G. C. G.; NASCIMENTO, J. G. V.; SEVERINO, K. L.; ROLLIN, M.; PRIME, M.; MORAES, M. A. O.; CÊIA, M. G. S.; SANTOS, M. S.; MOTA, R. D.; TIGOURD, S. Educação básica e pandemia: entrevista com professores de quatro países. *Pensares em Revista*, n. 20, p. 80-104, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/pensaresemrevista/article/view/56920/36681>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. *Universidade e Sociedade*, n. 67, p. 36-49, 2021. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/julianaschivani/disciplinas/midias-educacionais/educacao-na-pandemia-a-falacia-do-201censino201d-remoto/view>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SHEIKH, A.; SHEIKH, A.; SHEIKH, Z.; DHAMI, S. Reopening schools after the COVID-19 lockdown. *Journal of Global Health*, v. 10, n. 1, p. 1-3, jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7189/jogh.10.010376>. Acesso em: 16 jun. 2024.

SILVA, M. M.; Santos, M. L. O perfil docente defendido pelo Banco Mundial. *Educação em Foco*, v. 27, n. 1, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/36233>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SINTE. *Pesquisa saúde docente*. 2020. Disponível em: https://sinte-sc.org.br/Noticia/19739/pesquisa_saúde_docente. Acesso em: 18 jun. 2024.

Recebido em 28 de agosto de 2024

Aceito em 15 de agosto de 2025